

Santo Cristo de Outeiro

04.05.2013

300 anos da inauguração

1. «Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele».

O texto do evangelho pertence ao longo diálogo de Jesus com Nicodemos e relaciona-se com a primeira leitura que escutámos, extraída do livro dos Números. O Filho do Homem exaltado sobre a cruz é a fonte da salvação para o género humano. Tal como a serpente guiava o povo no deserto, assim a cruz guia o caminho de salvação na Igreja. A cruz é, ao mesmo tempo, humilhação e exaltação.

Toda a nossa glória está na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. N'Ele está a nossa salvação, vida e ressurreição. Por Ele fomos salvos e livres.

2. O piedoso desejo de conhecer e venerar a cruz em que morreu Jesus está na origem do culto litúrgico à santa cruz. Até 1960 esta festa existia sob o título de «invenção da santa cruz» que se celebrava a 3 de Maio e que comemorava a descoberta da cruz de Jesus Cristo por santa Helena, a mãe do imperador Constantino. Escolheu-se essa data porque nesse dia no ano 628 foi recuperada a cruz, que havia sido capturada por um rei persa em 614. Hoje a liturgia celebra esta festa a 14 de Setembro sob o título de «exaltação da santa cruz», porque nesse dia se comemora o aniversário da dedicação das basílicas constantinianas do gólgota e do santo sepulcro em Jerusalém. O culto da relíquia da santa cruz começou em Jerusalém e rapidamente se espalhou por todo o mundo católico.

Os antigos estatutos da Confraria do Santo Christo de Outeiro, ditavam como seus fins:

1. «prestar culto ao Santo Christo conforme os preceitos da Igreja catholica Apostolica Romana;
2. Fazer conseguir aos fieis as indulgencias concedidas por Bulla do Summo Pontifice Innocencio V de 10 de Janeiro de 1699, outorgada no tempo da primitiva erecção da Confraria;

3. Sufragar os irmãos vivos e falecidos e socorrer d'aquelles, segundo as forças da Confraria, os que forem pobres e enfermos;
4. Conservar o templo que é sede da Confraria com o devido esplendor e acieio»

Segundo a tradição e a gravação em pedra, no dia 26 de abril de 1698, numa capela de Outeiro, o Santo Cristo soou sangue. Este milagre conheceu rápida divulgação e muita devoção e por isso, ainda nesse ano foi lançada a primeira pedra para a construção do santuário. Esta magnífica igreja foi aberta ao culto em 1713, no dia 3 de maio, dia que o calendário litúrgico antes da reforma do Concílio Vaticano II celebrava a invenção da Santa Cruz. Nesse dia fez-se a dedicação da igreja. Todavia só no reinado de D. João V, o projeto tomou folego, tendo sido concluído em 1739.

Não teve o rito da dedicação desta igreja que deveria ser celebrado pelo 19º Arcebispo-Bispo de Miranda — D. João Franco de Oliveira 1701 – 1715, tendo sido juiz da Confraria. Teve só a bênção pelo Rev.do Manuel Roiz de Andrade, Arcediago de Mirandela. Lembramos que nessa época o ritual da dedicação de uma igreja era longo dramatizado e complexo, compreendendo: o rito de entrada, a bênção da água, a transladação e a deposição das relíquias, bênção dos objetos em uso no culto divino como o cálice, patena, cruz; sinal da cruz (o bispo ao entrar na nova igreja traçava no pavimento uma grande cruz em forma de x. o rito prosseguia com a inscrição do alfabeto grego e latino sobre as cinzas espalhadas pelo chão).

Monumento nacional desde 1927.

3. O cristianismo tem casas dedicadas em que a Igreja se realiza como tal: assembleia santa convocada por Deus para a celebração da Aliança mediante a palavra e o sacramento. «Com razão, pois, desde tempos antigos, se chamou também “igreja” ao edifício onde a comunidade cristã se reúne para aí ouvir a palavra de Deus, orar em conjunto, receber os sacramentos, celebrar a Eucaristia»<sup>1</sup>.

O lugar da celebração (igreja) é muito mais do que um edifício, é a casa para a assembleia do povo de Deus (*domus ecclesiae* = casa da Igreja). Antes de mais, a Liturgia realça a centralidade do altar, figura de Cristo, sacerdote, altar e cordeiro do próprio sacrifício<sup>2</sup> realizado de uma vez por todas. O altar, sinal do altar-mesa e do

---

<sup>1</sup> Preliminares do Rito da dedicação da Igreja 1.

<sup>2</sup> Cf. Heb 9,11-14.

altar-lugar do sacrifício é o fulcro da celebração litúrgica e evidencia a sua profundidade cristológica.

Determinante é a ordenação do espaço sagrado em função do trinómio: altar – ambão – sede. À volta destes três elementos congrega-se a assembleia: uma comunidade de escuta da Palavra de Deus, uma comunidade orante, e uma comunidade que vive dos sacramentos. A igreja é pois assim a casa da Igreja, isto é, morada da comunidade convocada.

A casa somos nós, o lugar de identidade, de relação e de história. Espaço de encontros, de celebração da alegria e do esconder as tristezas. A casa representa o espaço da vida, marcando os nossos limites, mas também abrindo a algo que nos ultrapassa, fazendo ver outros horizontes, simbolizando o *chegar – estar – partir*.

Chagall admitia que, «durante séculos, os pintores mergulharam o seu pincel naquele alfabeto tingido pela esperança que é a Bíblia». Paulo VI afirmou que a Europa «nasce da cruz, do livro e do arado». De facto, o cristianismo ao celebrar a dignidade humana e o primado da pessoa, contempla (ora) e empenha-se na sociedade (labora) iluminado pela cruz do ressuscitado, o Santo Cristo.

+ José, Bispo de Bragança-Miranda